

O PROCESSO ANAFÓRICO NA LIBRAS: CLASSIFICADORES EM EVIDÊNCIA

Leidiani da Silva Reis (PG - UNIOESTE) ¹

Valdenir de Souza Pinheiro (PG - UNIOESTE) ²

Jorge Bidarra (Orientador - UNIOESTE) ³

Resumo: Tanto na modalidade oral auditiva quanto na visuoespacial, a anáfora é um dos fenômenos linguísticos que mais vêm chamando a atenção dos estudiosos. Apesar da complexidade envolvida, nas línguas orais, os avanços têm sido notáveis. O mesmo, no entanto, não se pode dizer em relação às línguas de sinais. Nesse contexto, analisar o modo como o processo anafórico se realiza na Língua Brasileira de Sinais (Libras), tomando como ponto de partida o Português, é o principal objetivo desse trabalho. Sendo assim, selecionadas as sentenças para os estudos, demos início à investigação do fenômeno na Libras. Por meio de uma interlíngua (Glosa-Libras), associada às respectivas configurações dos signos produzidos, temos identificado e descrito não apenas o grau de dificuldade e complexidade que se colocam com o trabalho de tradução envolvendo as duas línguas, mas principalmente o modo como as anáforas se comportam diante de uma “recategorização”. Entre outros, por ser a Libras direcionada ao discurso, constatamos que a manifestação dêitico-anafórico se mostra como o principal e mais expressivo mecanismo de coesão/coerência na Libras, em especial quando pensamos na classe de complexas unidades manuais e não-manuais, que exibem estruturas altamente icônicas (EAI), caracterizada principalmente pelos classificadores, os quais se qualificam por dizer e mostrar iconicamente ao mesmo tempo. Eles são concebidos como vestígios de operações cognitivas, por meio dos quais os sinalizantes transferem sua concepção do mundo real para o mundo tridimensional do discurso sinalizado. Também, em menor escala, observamos que, juntamente com essa manifestação, estão ainda o modo como os verbos flexionam em Libras, bem como a predominância do discurso direto nas estruturas da língua. Tomando por base essas questões, trazemos para a discussão alguns resultados obtidos até o

¹ Aluna da Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, Área de Concentração em Linguagem e Sociedade, Nível de Doutorado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mail: leidianireis@hotmail.com

² Aluno da Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, Área de Concentração em Linguagem e Sociedade, Nível de Mestrado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Membro do GEPEFOP – Grupo de Pesquisa em Formação de Professores da Unioeste – Marechal Cândido Rondon. E-mail: valdenir.pinheiro@unioeste.br

³ Doutor em Linguística pela Unicamp. Professor da Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, Área de Concentração em Linguagem e Sociedade, Nível de Mestrado, da Unioeste. E-mail: jorge.bidarra@unioeste.br

momento que, para além dos já citados anteriormente, inclui a construção de um *corpus* paralelo anotado não apenas com informações gramaticais, mas também sinalizado com outros tipos de informações úteis para os interessados no assunto. A pesquisa se encontra na fase de elaboração e análise manual, com estudos de viabilidade, já em execução pela equipe, com vistas à implementação de um *corpus* eletrônico.

Palavras-chave: Libras; Processo anafórico; Classificadores.

INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido sobre a *Referenciação* em línguas orais, porém, em línguas visuoespaciais esse fenômeno linguístico se torna uma das questões mais desafiadoras para os interessados. Considera-se que, mais do que estabelecer simples retomadas de elementos linguísticos, a anáfora é responsável por categorizar e recategorizar objetos-de-discurso, materializando atitudes tomadas pelo autor para a construção de determinado(s) sentido(s), imprimindo pistas linguísticas que guiam o leitor na interpretação. Nessa perspectiva, aborda-se a referenciação a partir da concepção sociocognitiva-interacional, que toma tal processo como uma atividade discursiva (KOCH, 2005).

Na prática, quando se pensa, por exemplo, na relação entre a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais (Libras) diante dos elementos referenciais, num viés tradutório, podemos inferir que há complexidades e singularidades que denotam diferenças relevantes quanto à operação linguística referencial, uma vez que a Libras é altamente direcionada ao discurso.

Diante desses apontamentos, esse trabalho busca descrever e analisar o modo como os elementos referenciais – notadamente as anáforas – são introduzidos na Libras, assumindo, como ponto de partida, a Língua Portuguesa, com sentenças coletadas aleatoriamente. Para tanto, tem-se adotado como meio de representação a interlíngua glosa-Librasⁱ, com intenção de construção de um *Corpus* Paralelo.

Nessa perspectiva, o artigo assim se estrutura: na seção 1, desenvolvemos uma discussão teórica acerca da referenciação, especificando principalmente o papel da anáfora, tanto na língua oral quanto na visuoespacial. Apresentamos, na sequência - seção 2, o procedimento metodológico que direcionou a construção do trabalho. Após, na seção 3, passamos à exposição da análise, com base no referencial teórico abordado. Por fim, elencamos algumas considerações, envolvendo os resultados obtidos.

1. A REFERENCIAÇÃO

Tanto na modalidade de língua visuoespacial quanto na oroauditiva, a referenciação configura-se não simplesmente em um recurso de retomada de entidades do mundo; em outras palavras, não diz respeito a simples rótulos usados para designar as coisas do mundo (KOCH; MARCUSCHI, 1998), mas muito além disso: retrata uma forma de construção e reconstrução de objetos-de-discurso.

Depois de lançado (categorizado) no texto, o objeto é recategorizado por meio da estratégia de referenciação. Esse processo de construção e reconstrução de objetos-de-discurso é realizado por sujeitos, num processo de interação, o que significa dizer que carrega, dentre outros aspectos, os interesses e o ponto de vista dos interlocutores envolvidos no discurso.

Os referentes de que falamos não espelham diretamente o mundo real, não são simples rótulos para designar as coisas do mundo. Eles são construídos e reconstruídos no interior do próprio discurso, de acordo com a nossa percepção de mundo, nossos “*óculos sociais*”, nossas crenças, atitudes e propósitos comunicativos (KOCH; ELIAS, 2006, p. 123, grifo das autoras).

Para Mondada e Dubois (2003) os objetos-de-discurso, sendo construídos e desenvolvidos discursivamente, não devem ser entendidos como se já estivessem prontos para serem utilizados ou como se fossem válidos para todos os sujeitos, pois eles não são estáticos e não seguem uma norma, mas são construídos conforme o contexto de interação.

Essa forma de conceber a referenciação é assumida por Koch (2004, p. 40), que propõe a seguinte descrição: “os objetos-de-discurso são altamente dinâmicos, ou seja, uma vez introduzidos na memória discursiva, vão sendo constantemente transformados, reconstruídos, recategorizados no curso da progressão textual”. Esse processo dinâmico, segundo a autora, desenvolve-se como uma atividade discursiva realizada por sujeitos histórica e socialmente situados.

Em outras palavras, essa construção e reconstrução de objetos-de-discurso, que se constitui como um processo dinâmico na progressão textual, ocorre quando um objeto é lançado no texto e utilizado novamente por meio da reconstrução. Mondada e Dubois (2003, p. 17) explicam melhor esse processo dinâmico ao afirmarem que “as categorias e os objetos-de-discurso são marcados por uma instabilidade constitutiva, observável através de operações cognitivas, ancoradas nas práticas, nas atividades verbais ou não verbais, nas negociações dentro da interação”.

Partindo da perspectiva discursiva abordada a respeito da referenciação, Koch e Elias (2006) afirmam que a operação linguística referencial pode se dar por movimentos exofóricos

ou endofóricos. No primeiro caso, recupera-se um elemento não enunciado no texto (dêitico); no segundo, o elemento recategorizado já foi apresentado no texto.

A referência endofórica, por sua vez, se subdivide em anafórica e catafórica. No processo anafórico, a remissão é feita para trás, ou seja, faz-se remissão a elementos anteriormente expressos no texto. Já no processo catafórico, a remissão é feita para frente. Tais processos não se resumem a simples movimentos projetivos e retrospectivos, mas retratam o trabalho de um determinado sujeito de categorizar e recategorizar objetos-de-discurso. Koch e Elias (2006, p. 127) apresentam exemplos que ilustram essa breve explicação:

- (a) Paulo saiu. *Ele* foi ao cinema.
- (b) Só quero *isto*: que vocês me entendam.

Os termos destacados são as remissões. Em (a), tem-se um processo anafórico, pois o pronome em destaque retoma um elemento anteriormente enunciado. Já em (b) é preciso seguir no texto para captar o referente, realizando um movimento catafórico. Essas formas de referenciar podem ser atualizadas de diferentes maneiras, por meio de diferentes estratégias textuais.

1.1 A ANÁFORA EM EVIDÊNCIA

Quanto à anáfora, uma das estratégias fundamentais da referenciação, Marcuschi (2005, p. 54) postula que hoje o termo “anáfora” é usado para designar expressões que, no texto, se reportam a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais (retomando-os ou não), “contribuindo assim para a continuidade tópica e referencial”. Nesse contexto, para esclarecer o termo “anáfora”, Marcuschi e Koch (2002) apresentam algumas considerações iniciais:

Nem toda anáfora é pronominal;
Nem toda anáfora é correferencial;
Nem toda anáfora é uma retomada;
Nem toda anáfora tem um antecedente explícito no contexto;
Existem anáforas nominais (definidas ou não);
Nem toda anáfora nominal é correferencial;
Nem toda anáfora nominal é cossignificativa.
(MARCUSCHI; KOCH, 2002, p. 45)

A anáfora, muitas vezes, caracteriza-se por dar sustentação à coesão e à coerência, uma vez que é utilizada para que a temática seja processada de forma progressiva e significativa. Nesse sentido, Koch (2004, p. 131) afirma que ela é “a operação responsável pela manutenção em foco, no modelo de discurso, de objetos previamente introduzidos, dando origem às cadeias referenciais ou coesivas, que são responsáveis pela progressão referencial do texto”.

Conforme vamos retomando certos elementos textuais, vamos formando teias referenciais altamente significativas que podem ser instauradas por meio de processos anafóricos diretos e indiretos. Em outras palavras, no processo de construção de sentido, a anáfora pode se dar com ou sem a retomada de referentes anteriormente expressos (BIEZUS, 2010).

Na retomada direta tem-se a manutenção do núcleo, podendo o referente ser recuperado por meio da repetição (parcial ou totalmente), ou, ainda, por meio de sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos e descrições nominais. Sendo assim, Koch (2005, p. 264) afirma que, nessa retomada, “pode haver simplesmente correferência entre a expressão anafórica e seu antecedente textual, ou ocorrer a recategorização desse”. Assim, lembramos que, no uso de sinônimos, temos a correferência com recategorização. Também quando usados hiperônimos, nomes genéricos e descrições nominais, observa-se uma recategorização do antecedente textual (KOCH, 2005).

Vejamos abaixo exemplo de anáfora correferencial apresentado por Haag e Othero (2003, p. 04):

c) Comprei *três livros* excelentes. *Os livros* estão lá em casa.

Nesse caso, verificamos a retomada do referente por meio da repetição do núcleo *livros*, apontando então a correferência entre a expressão anafórica e seu antecedente textual. Quanto à repetição, Biezus (2010, p. 39) afirma que esta “é uma estratégia que ocorre muito nas atividades de formulação textual, e contribui não só para a formação de cadeias discursivas, mas também para reforçar a coesividade”. Salientamos que devemos saber usar esse recurso para não tornar o texto repetitivo. Para evitar a repetição, podemos utilizar a retomada sem a manutenção do núcleo, conforme adiantado em parágrafo anterior.

Dentre as retomadas sem a manutenção do núcleo, destacamos as retomadas por pronominalização. Essa estratégia é utilizada para evitar a repetição de um nome, deixando o texto menos denso, auxiliando na continuidade do parágrafo, bem como na manutenção referencial. Segundo Koch (2009, p. 86), a pronominalização “pode ocorrer sem um referente co-textual explícito”. Vejamos o exemplo dado pela autora (2009, p. 87):

d) *Os dois heróis estão lutando para ver qual tem mais força. De repente, eles cortam e passam para o quadrinho seguinte, onde já se vê um deles nocauteado, desmaiado no chão.*

Nesse enunciado, como podemos observar, o pronome *eles* remete aos autores da história em quadrinhos, que não estão explicitados no texto, exigindo que o leitor faça inferências.

Também destacamos, entre as anáforas sem manutenção do núcleo, as retomadas por meio da sequência hiperônimo/hipônimo, as paráfrases anafóricas, as meronímicas, as sinonímicas, todas diante de uma expressão nominal referencial. Ressaltamos que o uso das anáforas sem manutenção contribui para a organização textual, introduz informação nova a respeito do referente e constitui-se numa estratégia de orientação argumentativa, pois, ao reconstruir os objetos de discurso, os sujeitos os direcionam conforme seus objetivos, buscando persuadir por meio da linguagem (REIS, 2012).

1.2 O PROCESSO ANÁFORICO NA LIBRAS

Na língua de sinais, além de considerar a base teórica já citada acerca da referenciação, percebe-se algumas características específicas, que garante a progressão textual. Os referentes presentes são retomados, muitas vezes, de forma anafórica no sentido de estabelecerem correferência com o seu antecedente. Segundo Leal (2011), sua interpretação completa depende dos elementos introduzidos durante a conversação.

Nas glosas-Libras, quase sempre, os procedimentos de referência utilizados recorrem ao discurso direto, i. e., é muito comum que o tradutor utilize-se de elementos referenciais diretos, recategorizados ou não, uma vez que a tradução Língua Portuguesa-Libras deve ser bastante pontual e clara aos sujeitos surdos (QUADROS, 2002).

Diferente da modalidade oroauditiva, na visuoespacial as anáforas vêm, comumente, acompanhadas dos dêiticos, fenômeno caracterizado como dêitico-anafórico. São processos diferentes que ocorrem de forma simultânea: o dêitico sugerindo marcação do ponto ou localização do referente; a anáfora, retomada do ponto para referir-se ao referente mencionado. Assim, na Libras, esse acontecimento gera a coesão textual visual das ideias (WILKINSON, et al, 2006).

Segundo Quadros e Karnopp (2004), a função dêitica em línguas de sinais é realizada por meio da apontação propriamente dita. Os referentes são introduzidos no espaço à frente do sinalizador, por meio da apontação em diferentes locais. Nesse contexto, percebe-se que o espaço é um dos elementos que favorece a coesão e a coerência dos textos enunciados em língua de sinais.

Ainda sobre o dêitico-anafórico, recurso de coesão textual que permitem aos falantes ou sinalizantes introduzir referentes no discurso (dêixis) e, subsequentemente, referir-se a eles

(anáfora), com base na pesquisa realizada nas línguas de Sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS), atentamos para a divisão do referido fenômeno em duas grandes classes (WILKINSON, et al, 2006):

1. Classe “padrão” realizada por meio de apontações manuais e visuais, que estabelecem posições marcadas no espaço, normalmente chamadas de “loci”. Alguns fatores são relevantes para o processo anafórico nessa classe, entre eles destacamos a) a direção do olhar: a anáfora ocorre com a marcação acentuada da direção dos olhos; b) a soletração (datilologia): o pronome chama a atenção do interlocutor para a soletração, e relação entre a soletração e o objeto referido é de inferência. Ex: <ELA M-A-R-I-A>; e c) Locação: apontamento direcionado no espaço.
2. Classe de complexas unidades manuais e não-manuais, que não são sinais de apontação nem podem ser classificadas como sinais padrões. Essas unidades exibem características altamente icônicas (Estruturas Altamente Icônicas - EAI) e são marcadas por padrões específicos do olhar, que as distinguem dos sinais padrões. Nessa categoria, o classificador é o fenômeno mais expressivo, uma vez que é caracterizado pelo ato de dizer e mostrar iconicamente ao mesmo tempo/ilustrar o que se diz.

Essa proposta de Wilkinson, Rossini, Sallandre e Pizzuto (2006), por enquanto desenvolvida em outras línguas de sinais, se aplicada à Libras, pode ser muito produtiva, considerando sua modalidade visuoespacial, de natureza multidimensional, a qual recorre frequentemente a um processo simultâneo – mais especificadamente, dêitico-anafórico - na organização de seus segmentos.

1.2.1 OS CLASSIFICADORES E A SUA RELAÇÃO COM A ANÁFORA

Em relação a língua de sinais, (SUPALLA, 1982)⁴ define os classificadores como um tipo de morfema, utilizado por meio das configurações de mãos que podem ser afixado a um morfema lexical (sinal) para mencionar a classe a que pertence o referente desse sinal, para descreve-lo quanto á forma e tamanho, ou para descrever a maneira como esse referente se comporta na ação verbal (semântico).

⁴ SUPALLA, T. (1982) Structure and Acquisition of Verbs of Motion and Location in American Sign Language. Ph.D. Dissertation, University of California, San Diego.

Os classificadores, em particular, são usados para especificar localização espacial e arranjos, maneiras, direções, e as cadências de movimento. Eles podem demonstrar, por exemplo o caminho e o modo pelo qual uma pessoa, animal ou objeto se movimentam de um lugar para o outro.

De acordo com (Supalla,1982) os classificadores são componentes do léxico nativo da língua de sinais e são definidos como “morfema ou palavra usadas para descrever propriedades dos objetos no mundo ou contidos num cenário. Sua construção, bem como critério de escolha do classificador desejado tomam por base não apenas as propriedades semânticas e os aspectos visuais geométricos relacionados a um objeto, mas também são afetados por aspectos determinantes pela ação a ser descrita”, assim como a anáfora também é usado para designar expressões em um determinado contexto (retomando-os ou não), com foi apresentado por Marcuschi e Koch (2002).

Os classificadores apresentados na língua de sinais são morfemas explícitos e estão sujeitos a condições de uso pragmático discursivos, sinal linguístico e com base gramatical, como é apresentado a anáfora, retomamos a mesma sentença apresentada no item 1.1 para representarmos a anáfora e classificado:

Comprei três **livros** excelentes. Os **livros** estão lá em **casa**.
Comprei três **livros** excelentes. Os **livros** estão lá na **casinha**.
Comprei três **livros** excelentes. Os **livros** estão lá no **casarão**.

Com base na figura abaixo podemos observar que, cada entrada é composta: morfema lexical e morfema gramatical na Libras. A exemplo temos o sinal: CASA, CASINHA, CASARÃO.

CAS-A, CAS-INHA, CAS-ARÃO.



Fonte: Autores da pesquisa (2016)⁵

⁵ Sinal de casa representação icônica. O ícone caracteriza uma situação/representação do referente.

Nos estudos apresentados aqui, percebemos que o classificador na língua de sinais além de ocupar um espaço enunciativo pertence a uma construção tridimensional. Possuem mais classificadores do tipo morfema gramatical (livres) sendo este afixado a um morfema lexical (preso) para apresentar a classe à qual pertence. Com isso notamos que as ULS - unidades lexicais sinalizadas na Libras possuem morfemas presos quando não podem ocorrer isolados, mas são exclusivamente ligados a outros morfemas.

A referência na Libras é portadora do ato de relacionar um item lexical com o referente sinalizado. Anafrônico (referência a um objeto, a uma pessoa, um discurso.). Dêutico nas línguas orais está ligada a forma de fazer referência ex: ela, ele. Já nas línguas de sinais as referências servem para ligar as características a referência. Co-referência =anáforas, tem como (co) referente um antecedente cuja referente é igual ao seu. Catáfora tem como co referente um termo que apenas é introduzido no contexto linguístico após sua menção, cujo referente é o mesmo.

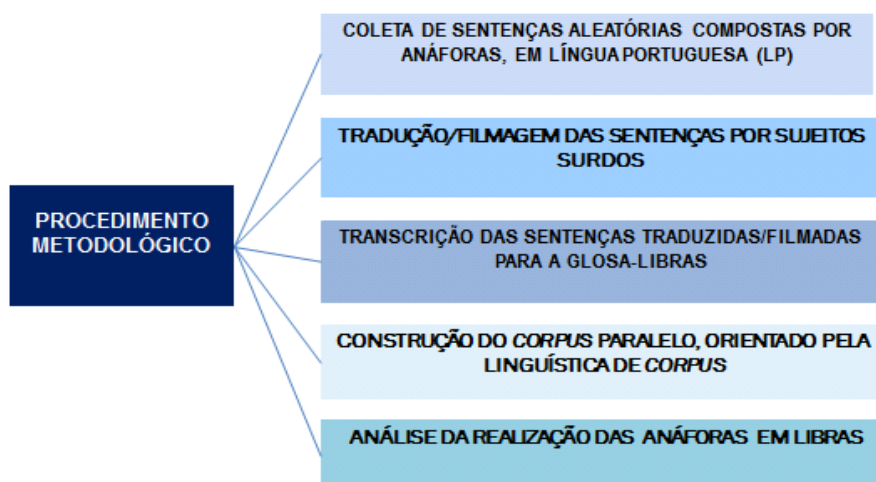
2.0 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Para que os objetivos indicados neste trabalho fossem atendidos, houve, primeiramente, a seleção e a coleta de sentenças em Língua Portuguesa, extraídas de jornais, revistas, livros, artigos, entre outros. Com esses textos pré-selecionados, submetemo-los ao sujeito surdoⁱⁱ, considerado bilíngue - ou seja, tem a Libras como sua língua natural e a Língua portuguesa como sua segunda língua -, para a filmagem em Libras.

Com a filmagem da sentença interpretada por um surdo nato, o próximo passo foi, com o auxílio de um Tradutor e Intérprete de Libras/Língua Portuguesa, qualificado pelo Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais e para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa (Prolibras), passar a sentença interpretada pelo surdo para a glosa-Libras, uma língua intermediária. Usamos como orientação de transcrição o sistema de notação de glosa proposto por pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina.

Tais sentenças foram organizadas de forma a constituir um *Corpus* Paralelo: temos, de um lado, as sentenças em Língua Portuguesa; de outro, as sentenças em glosa-Libras, para facilitar a comparação. A apreciação dessas glosas pauta-se no fenômeno linguístico em evidência, ou seja, na observação da manifestação das anáforas em língua portuguesa e, evidentemente, em Libras. Para melhor compreensão, apresentamos, em seguida, um diagrama que retrata o procedimento metodológico adotado.

Figura 1: Diagrama do procedimento metodológico



Fonte: Autores da pesquisa (2016)

3. ALGUMAS ANÁLISES REPRESENTATIVAS

Para esse momento, foram selecionadas cinco sentenças representativas, as quais passaram por todo procedimento metodológico citado, chegando as seguintes análisesⁱⁱⁱ:

Quadro 01: Corpus Paralelo Língua Portuguesa (LP)-Libras

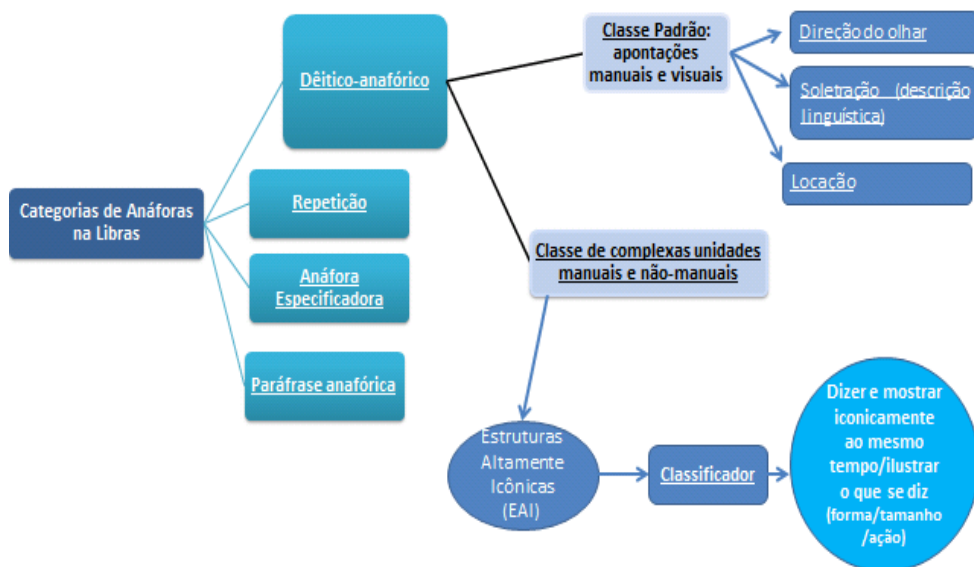
Texto em Língua LP	Texto em Glosa-Libras	Análise em LP	Análise em Libras
Susana encontrou o casal no cinema. ¹ Eles estavam muito unidos e felizes.	<S-U-Z-A-N-A> ENCONTRAR IX (OS DOIS-CASAL) LUGAR CINEMA. ¹ (IX)EL@S2 FELIZES UNIDOS.	¹ Anáfora Pronominal.	¹ Dêitico-anafórico: locação + direção do olhar.
Não compre a xícara amarela. ¹ O cabo está quebrado.	NÃO COMPRAR XÍCARA AMARELA. ¹ CL (<u>XÍCARA-ASA-XICARA-SOLTAR</u>).	¹ Anáfora Meronímica.	¹ Dêitico-anafórico: Classificador (forma/tamanho/ação).
A roupa ficou mofada na gaveta. ¹ Elas precisam ser lavadas amanhã.	GAVETA AQUI TER ROUPA (MANCHA^PRETA = mofo). AMANHÃ PRECISAR ¹ LAVAR (CL).	¹ Anáfora Pronominal.	¹ Dêitico-anafórico: Classificador (ação: verbo).

<p><u>Uma catástrofe ameaça</u> uma das últimas colônias de ²gorilas da África. ¹Uma <u>epidemia</u> de Ebola já matou mais de 300 ²desses grandes macacos.</p>	<p>¹ACONTECIMENTO <u>RUIM HORRÍVEL</u> AMEAÇAR LUGAR RARO LUGAR PRÓPRIO ²GORILA ONDE ÁFRICA. ¹DOENÇA ESPALHAR <u>MUITO GERAL E-B-O-</u> <u>L-A JÁ 300 MAIS</u> ²GORILA MORRER.</p>	<p>¹Anáfora Especificado ra: hiperônimo/ hipônimo. ²Anáfora Especificado ra: hipônimo/hip erônimo.</p>	<p>¹Anáfora especificadora concomitante à paráfrase anafórica. ²Anáfora por REPETIÇÃO do <i>núcleo.</i></p>
<p><i>Os bugios</i> não precisam de muito espaço. O inverno é a estação de fartura para ¹esses <i>símios</i>. ²Esses macacos parecem comprovar as teorias de Charles Darwin.</p>	<p><u>MACACO B-U-G-I-O</u> GRANDE ESPAÇO NÃO-PRECISAR ESTAÇÃO INVERNO TER COMIDA-MUITA ¹GRUPO MACACO S-Í- <u>M-I-O-S.</u> ²ESSES MACACOS PARECE PROVAR TEORIA C-H- A-R-L-E-S D-A-R-W-I- N.</p>	<p>¹Anáfora Sinonímica. ²Anáfora especificado ra: hipônimo/hip erônimo.</p>	<p>¹Anáfora por REPETIÇÃO + Dêitico-anafórico: <i>soletração.</i> ²Dêitico-anafórico: locação + direção do olhar + REPETIÇÃO.</p>

Fonte: Autores da pesquisa (2016)

Diferente das categorias de anáforas obtidas na Língua Portuguesa, com as análises realizadas na Libras, baseadas no arcabouço teórico elencado, foi possível observar as seguintes categorias de anáforas: 1) Dêitico-anafórico, o qual se subdivide em classe padrão por meio de apontações manuais e visuais - direção de olhar, soletração e locação -, e classe de complexas unidades manuais e não-manuais - estruturas altamente icônicas, representadas principalmente pelos classificadores; 2) Repetição; 3) Anáfora especificadora; e 4) Paráfrase anafórica. Assim, para efeito desse trabalho, com base nas análises realizadas, foi desenvolvido um diagrama representacional da anáfora na Libras.

Figura 2: Diagrama representacional da anáfora na Libras



Fonte: Autores da pesquisa (2016)

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A partir das análises realizadas, foi possível perceber o modo como as anáforas se manifestam e o papel que desempenham na Libras. Por ser essa língua direcionada ao discurso, foi possível observar que há o constante uso simultâneo do dêitico e da anáfora, conforme Wilkinson, Rossini, Sallandre e Pizzuto (2006) propõem em seus estudos.

Na Libras, o dêitico-anafórico tem se mostrado como o principal e mais expressivo mecanismo de coesão/coerência, em especial quando pensamos na classe de complexas unidades manuais e não-manuais, que exibem estruturas altamente icônicas (EAI), caracterizada principalmente pelos classificadores, os quais se qualificam por dizer e mostrar iconicamente ao mesmo tempo. Eles são concebidos como vestígios de operações cognitivas, por meio dos quais os sinalizantes transferem sua concepção do mundo real para o mundo tridimensional do discurso sinalizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIEZUS, Marli de Fátima Gonçalves Tavares. **Processos de retomada em conto de Eça de Queiros: um olhar voltado para o ensino**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2010.

HAAG, Cassiano Ricardo; OTHERO, Gabriel de Ávila. Anáforas associativas nas análises de descrições definidas. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – Revel**, v. 1, n. 1, ago., 2003. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_1_anaforas_associativas.pdf. Acesso em: 10 fev. 2016.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Referenciação e orientação argumentativa. In: _____. MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 33-45.

_____. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. **Verebas** - Revista de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 29-42, 2004.

_____; MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processo de referenciação na produção discursiva. **DELTA** - Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 14, n. especial, p. 169-190, 1998.

LEAL, Christiana Lourenço. **Estratégias de referenciação da produção escrita de alunos surdos**. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2011. Tese (doutorado) – UFRJ/ Faculdade de Letras/ Programa de Pós-graduação. Disponível em <http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/LealCL.pdf>. Acesso em 10 de setembro de 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, Â. C. S. (Org.). **Gramática do português falado: novos estudos descritivos**. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 2002. v. 8, p. 31-56.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernardete; CIULLA, Alena (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção Clássicos da Linguística).

QUADROS, Ronice Müller de; **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC; SEESP, 2002.

_____; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: Estudos linguísticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

REIS, Leidiani da Silva. **Sondagem das retomadas não correferenciais ativadas em processos interpretativos de fábulas.** (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 2012.

SANTOS, Renata Souza. Os gêneros discursivos em livro didático para surdos: análise dos procedimentos tradutórios aplicados de português para Libras. In: ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vania de Aquino. **Libras em estudo: tradução/interpretação.** São Paulo: FENEIS, 2012.

PIZZUTO, Elena; ROSSINI, Paolo; SALLANDRE, Marie-Anne; WILKINSON, Erin. Dêixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: evidências interlinguísticas nas línguas de Sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS). In: QUADROS, Ronice Müller de; VASCONCELLOS, Maria Lúcia Barbosa (Orgs.). **Questões teóricas das pesquisas em língua de sinais.** Editora Arara Azul. Petrópolis, 2006.

SUPALLA, T. (1982) Structure and Acquisition of Verbs of Motion and Location in American Sign Language. Ph.D. Dissertation, University of California, San Diego.

ⁱ Recurso usado para transcrição de traduções de palavras, de frases e de textos da língua fonte para a língua alvo, quando da necessidade da análise de um determinado trecho do discurso. A glosa é utilizada na transcrição do Português para Libras a fim de aproximar o significado de um signo de uma língua na outra. Essa transcrição facilita a análise das estratégias tradutórias na passagem de uma língua para outra (SANTOS, 2012).

ⁱⁱ Considerando a necessidade de lidar com seres humanos durante o processo de estudo, é relevante destacar que foi submetido o projeto ao Comitê de Ética, o qual aprovou a realização da pesquisa no dia 11/03/2016, por meio do parecer N. (CAAE) 53133816.0.0000.0107.

ⁱⁱⁱ Para melhor compreensão, usamos alguns recursos gráficos e numéricos durante as análises. Os recursos utilizados destacam o referente e o elemento referencial, tanto na Língua Portuguesa quanto na Libras.